

O PROCEDIMENTO DE TRADUÇÃO DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS: REFERENCIAIS TEÓRICOS E UM CASO DE TRADUÇÃO DE TRAJETÓRIA INDIVIDUAL PELO USO DE IMAGENS

Avance de Investigación em Curso

GT 31 – Teoria Social Contemporânea

JOHANN, Joni J.

Professor na UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul/RS/Brasil, doutorando em Ciências Sociais pela UNISINOS/RS/Brasil. Bolsista FAPERGS, email: jonijohann@yahoo.com.br

Resumo:

Este trabalho apresenta a atual problematização teórica de nossa Tese de Doutorado sobre o Procedimento de Tradução de Boaventura de Sousa Santos. Apresentamos a sociologia de Santos, para propor o uso sociológico de imagens para a tradução visando a emancipação social. Para tanto, apresentamos o mapa de estrutura-ação de Santos para discutir a necessidade de inclusão do espaço do sujeito neste mapa. Também apresentamos o poder da imagem na contemporaneidade para nos interrogar a respeito da ausência da análise e da instância mediática na cartografia de Santos. Apresentamos a ideia de midiatização social pelo advento das tecnologias da comunicação, em especial a internet, mantendo, todavia, o olhar sobre o poder dos media na manutenção da hegemonia.

Palavras chave: Trabalho de Tradução, Meios e Midiatização e Tradução por Imagens

A sociologia de Boaventura de Sousa Santos

Neste trabalho apresentaremos alguns referências teóricos que acreditamos condizentes com o aprofundamento do entendimento do Trabalho de Tradução proposto pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. Para introduzi-lo, abordaremos rapidamente alguns pontos de sua reflexão sociológica e nos concentramos na discussão do que nos parecem ser duas lacunas na cartografia proposta por Santos, apresentada em anexo. São elas a relevância da questão midiática e a discussão do espaço do sujeito, na perspectiva de suas abordagens transversais e/ou em suas constituições em espaços específicos de análise. Para relacioná-las, e como exercício reflexivo destas duas questões, apresentamos a tradução do entendimento de um Topoi a partir de duas imagens e sua relevância na trajetória de um sujeito.

Os topoi ou loci são “lugares-comuns”, pontos de vista amplamente aceites, de conteúdo muito aberto, inacabado ou flexível, e facilmente adaptável a diferentes contextos de argumentação(...) O conjunto dos topoi dominantes nos diferentes pares, num determinado tempo e lugar, constitui a constelação intelectual hegemônica desse período e introduz-se, de uma maneira ou de outra, em todas as áreas de conhecimento.(SANTOS, 2002, pg.99 e 102)

Partamos por apresentar alguns pontos chaves da sociologia do autor português. Para Santos, estamos vivendo a luz do surgimento de um novo paradigma. Todavia muitos dos elementos deste novo paradigma estejam ainda por definirem-se, outros já são perceptíveis. Diversos autores buscam caracterizar a contemporaneidade como: pós-modernidade, hiper-modernidade, modernidade líquida,

entre outras. Não adentraremos aqui neste debate. Como nos afirma nosso autor, estamos no desabrochar de um novo paradigma, de forma que é ainda incerto defini-lo.

Todavia, apresentemos o paradigma moderno, tomando que a modernidade emirja por volta dos séculos XVI e XVII como um ambicioso projeto sócio-cultural assente em dois pilares. Um humanismo, iniciado na arte renascentista e consolidado no movimento iluminista, e que vem a culminar mais tarde como o ideal de igualdade da revolução francesa. E paralelamente numa crença, melhor exemplificada no pensamento positivista, de que o desenvolvimento científico contínuo viria por resolver a totalidade dos problemas humanos. Societariamente, podemos dizer que este binômio de projeto se estabelece numa tensão constante e dinâmica entre forças de regulação: de contenção, de regramento social; e de emancipação: de buscas de liberdades individuais e de justiça social. Segundo o autor, em termos epistêmicos, podemos afirmar que:

O paradigma da modernidade comporta duas formas principais de conhecimento: o conhecimento-emancipação e o conhecimento-regulação. O conhecimento-emancipação é uma trajetória entre um estado de ignorância que designo por *colonialismo* e um estado de saber que designo por *solidariedade*. O conhecimento-regulação é uma trajetória entre um estado de ignorância que designo por caos e um estado de saber que designo por ordem.(SANTOS, 2002, pg. 78)

A ideia central de Santos para explicar a contemporaneidade e apresentá-la na transição paradigmática é de que o pilar emancipatório se encontraria em colapso. A emancipação não seria mais o avesso da regulação, mas um seu duplo, uma nova modalidade de regulação. Em tempo, o entendimento da liberdade e da justiça social como o acesso ao consumo é, por si só, um bom exemplo contemporâneo (brasileiro) deste duplo da regulação. Segundo Santos: “É preciso reinventar a emancipação social!”

Para fazer isso, Santos propõe alguns entendimentos sobre as limitações do pensamento científico moderno. Primeiramente, devemos perceber que a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece ou considera. Depois, admitir, para fins da elaboração do pensamento, que esta riqueza social está sendo desperdiçada, e que é deste desperdício que se nutrem as ideias que proclamam a falta de alternativas, entre elas o “fim da história”, e de toda uma postura de adaptabilidade, de inevitabilidade, invocada sob muitos aspectos, sobretudo frente ao atual modelo excludente da globalização neoliberal. E por fim, para se combater este “desperdício da experiência”, para tornar visíveis as iniciativas e os movimentos alternativos e para lhes dar credibilidade, devemos rever a forma de olhar da ciência social como a conhecemos (SANTOS, 2002).

Para Santos, a razão moderna se tornou, ao passo em que conquistava sua hegemonia, e até para realizá-lo, numa razão indolente. Segundo o autor ela se formou em separado, embora concomitante e interligada, a partir de quatro movimentos de razão: uma razão impotente, uma arrogante, outra metonímica e uma mais, proléptica. A primeira destas formas de indolência é a razão impotente. A razão impotente é aquela que não se quer exercer porque pensa que nada pode fazer contra uma necessidade, uma realidade concebida como exterior a ela própria. É a constituinte da razão que se considera externa à realidade, que não imagina que a realidade influa no seu pensar, e que, portanto, nada deve a realidade.

A segunda forma de indolência identificada por Boaventura é a razão arrogante. O motivo de sua arrogância é a sua “presunção de liberdade total”. Ela não sente necessidade de exercer-se porque se imagina incondicionalmente livre e, portanto, livre da necessidade de provar a sua própria liberdade. A terceira forma que admite a razão indolente é a metonímica. A razão metonímica se considera como a única forma de racionalidade e, portanto, não se interessa em descobrir outros tipos de racionalidade, e, se o faz, faz apenas para as tornar em fonte de estudo. Trata-se da expressão da unicidade da razão ocidental, que, mesmo quando busca outras racionalidades, orientais ou quais sejam, as investiga sobre

seus próprios patamares. Só ela se tem como racionalidade científica, as demais são apenas formas de pensar indignas de crédito. A metonímia: a parte que se entende pelo todo.

A quarta forma em que se apresenta nossa indolência é a razão proléptica, que não se detém a pensar o futuro, porque julga que sabe tudo a respeito dele, e que não cabe a ela mensurar suas nuances, essa razão considera o futuro como uma superação linear, automática e infinita do presente. A prolepse: o conhecimento do futuro no presente.

Para Santos é preciso romper com a ciência moderna, a partir da desmistificação de suas componentes. É preciso conceber e aceitar, pluralmente, que existem outras formas de razão, que não há conhecimento que seja essencialmente livre, ou que não seja influenciado pela realidade, e mesmo que todo conhecimento é socialmente produzido. E que o conhecer é sim intervir no futuro.

A apresentação da crítica epistêmica de Santos a razão ocidental moderna mereceria uma melhor apresentação, todavia não dispomos de espaço para fazê-la aqui. Façamos apenas mais uma ressalva que aqui não se propõe o rompimento com todos os avanços conquistados pela ciência moderna. Não se trata de romper com esta, abandonando todos os seus logros anteriores, como, aliás, é deverás peculiar ao próprio pensamento moderno; mas de realizar uma “dupla ruptura epistêmica”: romper com as amarras, e também romper com uma certa concepção de desprezo dos méritos anteriores.

O que nos cabe aqui é apresentar, também rapidamente, duas proposições que o autor concebe para a realização desta tarefa de crítica a razão indolente, as sociologias das ausências e a das emergências, para então adentrar num terceiro procedimento, o de Tradução, este sim nosso objeto. A sociologia das ausências visa trazer a tona experiências de sociabilidade, de cultura, de produção, de convivência que foram e o são cotidianamente invisibilizadas, tornadas ausentes de nosso presente por uma razão metonímica de forma a desacredita-las como alternativas a lógica da globalização hegemônica. Esta sociologia parte, antes de tudo, de um entendimento epistêmico:

A epistemologia dos conhecimentos ausentes parte da premissa de que as práticas sociais são práticas de conhecimento. As práticas que não assentam na ciência não são práticas ignorantes, são antes práticas de conhecimentos rivais, alternativos. Não há nenhuma razão apriorística para privilegiar uma forma de conhecimento sobre qualquer outra. Além disso, nenhuma delas, por si só, poderá garantir a emergência e desenvolvimento da solidariedade. O objetivo será antes a formação de constelações de conhecimentos orientados para a criação de uma mais valia de solidariedade. É esta mais uma via de acesso à construção de um novo senso comum.(SANTOS, 2002, p.247 – grifos nossos).

Já a sociologia das emergências, complementar a primeira, trata de dar luz às iniciativas e experiências de ação e, sobretudo, as possibilidades, que se afirmam, caracterizam e se articulam numa perspectiva contra-hegemonica. Trata de dar credibilidade às lutas, aos movimentos, que existem, e de onde são passíveis de brotar alternativas de vida e de desenvolvimento.

A sociologia das emergências consiste em proceder a uma ampliação simbólica dos saberes, práticas e agentes de modo a identificar neles as tendências de futuro(o Ainda-Não) sobre os quais é possível actuar para maximizar a probabilidade de esperança em relação à probabilidade da frustração.(...)Enquanto na sociologia da ausências a axiologia do cuidado é exercida em relação às alternativas disponíveis, na sociologia das emergências é exercida em relação às alternativas possíveis.(SANTOS, 2002a)

Complementar a sociologia das ausências e das emergências, o Procedimento de Tradução é apontado por Santos como o trabalho e o instrumento para a efetivação da construção do “novo senso comum emancipatório”, um senso comum capaz de assumir-se plural, mas capaz de contrapor-se hegemonia globalizante. Segundo Santos, a Tradução visa criar “inteligibilidade, coerência e

articulação num mundo enriquecido por uma tal multiplicidade e diversidade”(SANTOS, 2004), propiciada pelos dois primeiros movimentos apresentados.

Trata-se de esclarecer o que distingue, mas não necessariamente separa os diferentes movimentos e práticas ao redor do mundo. Trata-se de criar uma constelação de saberes e práticas de forma a tornar crível a inesgotabilidade, a impossibilidade da totalização do mundo na lógica mercantil da globalização neoliberal. A ideia é identificar e reforçar o que é comum na diversidade dos impulsos contra-hegemônicos sem, de forma alguma, suprimir o que não o seja.

O objectivo é fazer com que a diferença-hospedeira substitua a diferença-fortaleza. Através do trabalho da tradução, a diversidade é celebrada, não como um factor de fragmentação e de isolacionismo, mas como uma condição de partilha e de solidariedade.(SANTOS, 2004)

A tradução é “simultaneamente, um trabalho intelectual e um trabalho político”. Dito isso, apresentamos uma passagem do texto de Santos, para partirmos então para uma das aproximações que julgamos relevantes para o esforço de tradução e que decidimos apresentar neste trabalho:

Dado que não há uma prática social ou um sujeito colectivo privilegiado em abstracto para conferir sentido e direcção à história, o trabalho de tradução é decisivo para definir, em concreto, em cada momento e contexto histórico, quais as constelações de práticas com maior potencial contra-hegemónico.(SANTOS, 2004)

Gramsci, hegemonia, contra-hegemonia e heterotopia

Uma das aproximações que nos parecem relevantes para o aprofundamento dos procedimentos de Tradução de Santos é a ideia de articulação contra-hegemonica. Dentre as várias elaborações ao redor do conceito de hegemonia, aquela que nos parece mais condizente de ser relacionada com a perspectiva contra-hegemonica de Santos, é a de Antonio Gramsci.

o conceito de hegemonia é apresentado por Gramsci em toda sua amplitude, isto é, como algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer(GRUPPI, 2000, p.3)

Vários pontos de coincidência existem entre estes autores. Talvez um único os distinga, a questão referida no fim do capítulo anterior, de Santos, a respeito da impossibilidade de articulação de um único sujeito coletivo: em lugar do “sujeito proletário”, múltiplos sujeitos. Devemos voltar a Gramsci, todavia, e a sua concepção do *bom senso* como superação do senso comum, para lastrear a proposição de Santos do “novo senso comum emancipatório”. Muitos outros pontos de contato entre o italiano e o sociólogo que estudamos podem ser elencados e o estão sendo feitos em pormenor no elaborar da Tese.

Nos tempos de Gramsci, a educação seria o principal motor da emancipação, assim como também faz parte dos mecanismos de dominação ideológica da cultura hegemônica. Em Gramsci é pela educação, pensada como expressão política, que as massas podem adquirir uma visão de mundo mais abrangente e menos fragmentada que a do senso comum, de forma a se orientar e organizar para a superação deste senso comum em direção a emancipação dos sujeitos.(JOHANN, 2007)

Também podemos recorrer ao italiano para responder a pergunta a que Boaventura se faz no sentido de “Quem é que traduz”, uma vez que ambos concordam que se trata de um trabalho intelectual e político, que precisa ser feito por pessoas comprometidas com os movimentos – figuras certamente identificáveis dentro do perfil dos *intelectuais orgânicos* proposta pelo autor.(GRAMSCI, 1982)

Em última análise, todos podem traduzir, pois “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de

intelectuais”(GRAMSCI, 1982, pg 7). Onde não se quer referir aos acadêmicos, mas a todos aqueles que pensam a sua função, sua profissão ou o seu grupo(religioso, étnico, cultural) social. O mesmo se aplica a tradução, não se quer que somente os líderes dos movimentos traduzam, todos os sujeitos tem o potencial de transmitir suas experiências e assim contribuir para a tradução das experiências coletivas; todavia, percebe-se com certa frequência que àqueles que se incumbem certa liderança, igualmente acabam por liderar também as traduções e os processos de articulação.

Um estudo mais aprofundado das demais contribuições gramscianas para a “reinvenção da emancipação social” proposta por Santos está sendo desenvolvido no corpo de nossa Tese. Neste momento, só nos cabe apresentar mais um ponto, que diz respeito a uma inter-relação dos estudos neogramscianos de interpretação da ideia de bloco histórico numa perspectiva mais plural dos sujeitos do processo.

Seriam as articulações da sociedade civil, e as traduções entre elas, por exemplo, representadas pelo Fórum Social Mundial, uma perspectiva de surgimento de um bloco histórico, não monolítico, contra-hegemônico?

A abordagem de Santos é descentralizadora, na medida em que advoga a união e a troca de experiências entre as diferentes iniciativas, projetos e estruturas organizativas, além de dar novo fôlego e nova conceituação do que seja a luta contra-hegemônica. Seu pensamento remete a um conjunto de utopias, propõe o que seja uma heterotopia, montada sobre o conjunto diverso e misto das ações emancipatórias. Ao invés da grande utopia que daria conta da transformação da sociedade como um todo, pequenas utopias, locais e realizáveis na prática cotidiana dos atores sociais.(JOHANN, 2007)

Em vez da invenção de um lugar situado algures ou nenhures, proponho uma deslocação radical dentro do mesmo lugar: o nosso. Partir da ortotopia para a heterotopia, do centro para a margem. A finalidade deste deslocamento é permitir uma visão telescópica do centro e uma visão microscópica de tudo o que o centro é levado a rejeitar para reproduzir a sua credibilidade como centro. O objetivo é experienciar a fronteira da sociabilidade enquanto forma de sociabilidade. (SANTOS, 2002, p. 233)

É neste sentido de buscar a fronteira da sociabilidade que apresentamos mais adiante nossa tentativa de tradução de uma experiência-trajetória individual. Estudos recentes demonstram que sim, é possível se pensar numa proposição plural da sociedade civil como a constituição de um bloco histórico plural, mas com unidade suficiente para confrontar a hegemonia(KATZ, 2007). No nosso entender, entretanto, cabe a esse bloco indagar-se sobre um elemento que Gramsci, jornalista de ofício, já atentara, mas que com o advento das tecnologias da comunicação se tornou central – a comunicação de massa. Poderiam a sociedade civil global e a internet confrontar a hegemonia transpassada pela mídia massiva?

A lacuna midiática na cartografia e a temática da midiaticização

Uma rápida análise da cartografia de Santos anexa nos mostra que não existe uma abordagem específica de um espaço ou mesmo de uma instancia midiática. Da mesma forma, o tema da dominação e do poder midiático não aparecem de forma relevante em sua obra. A mídia de massa, sobretudo os conglomerados de mídia que concentram veículos impressos e radiotelevisivos, prática proibida em muitos países como o Brasil, mas existentes neste e em tantos outros Estados, possuem um papel central na constituição da relação de dominação ideológica constitutiva da hegemonia neoliberal em seus respectivos países e no sistema mundo.

Até o aporte dos estudos culturais, neste incluído o célebre trabalho “Dos Meios as Mediações” de Jesus Martin-Barbero, a dominação midiática era considerada próxima da insuperabilidade pela teoria crítica. Barbero demonstrou que essa dominação não é total, que a cultura

se apropria dos conteúdos, que forma seu próprio discurso e revolucionou os estudos de comunicação de seu tempo com o conceito das mediações.

Todavia, leitores contemporâneos atentos de Barbero, se perguntam se já não seria o tempo de realizar a volta no circuito e discutir, a partir das mediações culturais, os próprios *media*. Segundo alguns autores, as mediações podem ser entendidas “como um processo estruturante que configura e reconfigura tanto a interação dos membros da audiência com os meios, como a criação por parte deles dos sentidos dessa interação” (LOPES, BORELLI e RESENDE, 2002, p. 40). Segundo o próprio Barbero, o eixo da pesquisa deveria se deslocar para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para a pluralidade das matrizes culturais e suas diferentes temporalidades.(BARBERO, 2009). É preciso:

(...)mudar o lugar das perguntas, para tornar investigáveis os processos de constituição do massivo para além da chantagem culturalista que os converte inevitavelmente em processos de degradação cultural. E para isso, investigá-los a partir das mediações e dos sujeitos, isto é, a partir das articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais(BARBERO, 2009, pg. 29)

Atualmente, uma das temáticas mais intensas dos estudos de comunicação dizem respeito ao processo de midiaticização em curso nas sociedades contemporâneas. Diferentes definições aparecem apontando desde a autorreferência das mídias a seus próprios conteúdos, passando pela midiaticização das interações sociais(redes sociais, etc), funcionando como um “processo interacional de referência”(BRAGA, 2007); até a sua concepção como um meta-processo definidor de um paradigma de enunciação como a oralidade e a escrita.

Não temos aqui espaço para apresentar a amplitude dessa problematização, muito menos para aprofundá-la. O faremos a partir da discussão da lacuna midiática na cartografia de Santos e da perspectiva da organização da contra-hegemonia via a rede internacional de computadores, a internet.

Para muitos autores, inclusive Hjarvard, temos que “o conceito-chave para a compreensão da influência da mídia na cultura e na sociedade é a midiaticização”(HJARVARD, p. 55, 2012). A origem do termo midiaticização remonta então já a discussão da centralidade da mídia de massas nas sociedades, sua origem se daria no sentido da caracterização de uma sociedade midiática, ou sociedade dos meios, que se vê e se percebe através da mídia. Todavia a complexidade se acentua quando da popularização de tecnologias que permitem a interação mediada por dispositivos eletrônicos entre os atores sociais, e se acentua a relevância de sua abordagem pelas ciências sociais no sentido mesmo dos últimos acontecimentos desencadeados por mobilizações via redes sociais que vem ocorrendo pelo globo: primavera árabe, Turquia, Brasil.

Segundo Braga, estamos a viver o surgimento de um “novo processo interacional de referência”, quando interações anteriores se reorganizam em face de um novo dispositivo interacional dominante. Estas reorganizações de processos sociais caracterizam mudanças, mas não necessariamente destroem ou são negativos. Significa que trazem a tona outras questões, possibilidades e desafios. Os outros modos, a oralidade e a escrita, continuam a existir(BRAGA, 2007). Tomemos o exemplo da escola, ela é fundamentalmente uma instituição do livro, da escrita, mas, no entanto, a oralidade está presente, dentro de um processo de referência na escrita, no livro. Esta mesma escola hoje se rearticula para incorporar processos midiáticos, por ventura de educação para a mídia, e de midiaticização como pesquisas na internet e páginas da escola nas redes sociais. Nas palavras de Veron, escolhidos por Braga:

Uma sociedade em *vias de midiaticização* (distinta da sociedade *mediática* do período anterior[...]) não é por isso uma sociedade dominada por uma só forma estruturante, que explicaria a totalidade de seu funcionamento. A midiaticização opera, através de diversos mecanismos segundo os setores da prática social que interessa, e produz em cada setor distintas consequências.(VERON, in BRAGA, 2012)

A midiaticização estaria se instaurando como um novo meta-processo interacional de referência, onde conteúdos midiáticos, suas auto-referências, as *mediações* culturais destes conteúdos, ou mesmo a nossa experiência pessoal de mundo, nosso passeio no parque, ida ao teatro, ou reunião de família, estariam sendo compartilhadas, circulando via meios tecnológicos, reconfigurando nossas interações e, em diferentes medidas, a todas as instancias sociais. A ideia de circulação se faz forte e, no nosso caso, chave na perspectiva da articulação contra-hegemonica.

Retomando a cartografia de Santos, percebe-se a necessidade de situar esta problemática comunicacional de circulação, midiaticização, de hegemonia e contra-hegemonia, dentro do mapa para o desenvolvimento conceitual das traduções e o aprimoramento de seus processos. Este problema, que até a proposição de uma sociedade midiática, poderia ser definido pela simples introdução de um sétimo espaço, o midiático, na cartografia, adquire uma complexidade ainda maior com a perspectiva de uma sociedade em vias de midiaticização. Até este momento, ainda não estamos certos da inclusão de um novo espaço, e passamos a trabalhar também com a ideia de uma sétima instância, com foco na relevância da mídia em cada espaço para a manutenção das relações de dominação específicas, na horizontal da cartografia de Santos. Todavia, estamos bastante inclinados a conceber o fenômeno de midiaticização de forma transversal a cartografia no que diz respeito ao estudo das e as próprias articulações dos processos de Tradução.

O Espaço do Sujeito e a Tradução de uma trajetória por imagens

Além da problemática acerca do poder midiático e do referido processo de midiaticização social, apresentamos ainda uma outra perspectiva, requerida no nosso entender pelo entendimento contemporâneo das ciências sociais, pela pluralidade reafirmada na ideia de uma heterotopia e pela diversidade dos atores envolvidos no processo de conformação da(s) contra-hegemonia(as): a questão do espaço do sujeito.

A ideia do espaço do sujeito na cartografia de Santos não é nossa, nem nova. Podemos lastrear a ideia de sujeito ao iluminismo, ainda que de maneira precária, e não podemos desconsiderar que ao longo da modernidade, as ciências sociais transformaram o indivíduo-sujeito em uma unidade de prática social, e mais que isso, na medida que o fizeram, possibilitaram tanto a intensificação da experiência individual, como a construção do modelo hegemônico da subjetividade moderna.(REIS, 2002)

Não pretendemos aqui adentrar na esfera de conceituação do sujeito, nem mesmo nas diferentes vertentes de análise da subjetividade. Só nos cabe aqui apontar para uma certa conformação da hegemonia dentro destas subjetividades, apontadas por Guattari como subjetividade(s) capitalística(s). Segundo ele, a ordem capitalista produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se faz sexo, como se fala, etc. Ela fabricaria toda a relação com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo.(GUATTARI, 1996, p. 42).

Dito isso, parece-nos certa a necessidade da inclusão da premissa do sujeito no mapa de Santos, mas a questão fica ainda mais evidente ao termos em mente que, em última instância, serão os indivíduos os sujeitos das traduções entre os diferentes atores da luta contra-hegemonica. Poderíamos reapresentar a cartografia de estrutura-ação de Santos incluindo os espaços do sujeito e um espaço midiático, mas, como vimos, esta talvez não fosse a melhor alternativa para o estudos das traduções numa sociedade em vias de midiaticização.

Apresentamos então uma proposição a título de exemplo e problematização, a ideia da tradução de um valor, ou um entendimento, marcada na trajetória de um sujeito: o autor deste texto.

Trata-se de uma perspectiva de tradução legítima, que se consolidaria, no diálogo entre o autor e seus leitores, mas, mesmo que imperfeita, ainda assim nos é útil a título de reflexão. Através de duas imagens, duas fotos, distantes 10 anos na trajetória deste sujeito, pretendemos demonstrar a importância de um possível topoi de emancipação social nas suas escolhas de trajetória. A ideia que se pretende ser traduzida, ou entendida é a de que “toda morte por fome é um assassinato!”.

A primeira imagem, captada em março de 1993, de autoria do fotógrafo sul-africano Kevin Carter ganhou o prêmio Pulitzer de jornalismo de 1994. Trata-se da foto de um abutre encarando uma criança esquelética no Sudão. A foto sugere que o abutre espera a morte por inanição da criança e gerou uma polêmica imensa sobre a função do (foto-)jornalista. O fotógrafo foi acusado de ser “um outro abutre na foto”. A verdade sobre o que Carter teria feito após a foto nunca será conhecida, pois em meio ao tormento da repercussão do caso o fotógrafo se suicidou ainda no mesmo ano. Esta imagem foi usada em 2002 durante nosso discurso de formatura em jornalismo. A ideia era indagar a plateia sobre o absurdo da fome e a parcela de responsabilidade de cada um. A foto parece carregar sozinha esta indagação. 10 anos passados, em 2012, durante o show “The Wall” do cantor Roger Waters, ex-vocalista da banda Pink Floyd, em Porto Alegre, a projeção de uma imensa imagem semelhante para mais de 50 mil pessoas causou um movimento de contentamento com a revisão de uma trajetória.

O caso aqui não é a história do autor deste texto, nem sua trajetória, mas as possibilidades do uso de uma imagem midiática, de Kevin Carter, amplamente publicada na imprensa mundial, para exprimir uma crítica social; da utilização de imagens no que a princípio seria um simples concerto musical e que o transformam num espetáculo de outra magnitude; na possibilidade de filmar, fotografar e compartilhar ambos os momentos, que são apreensões subjetivas de momentos coletivos, um show e uma formatura; na possibilidade de usar essas imagens para manifestar um entendimento, subjetivo, pessoal, de algo que poderia ser assunto de uma tradução multicultural – a fome é um assassinato; e mesmo na estruturação deste trabalho com o uso destas imagens. Todos estes são exemplos de que sim, vivemos uma mudança profunda em nossas sociabilidades, que deve ser contemplada na análise social.

Apresentamos as fotos em anexo e convidamos o leitor a uma dupla reflexão. A primeira diz respeito a perspectiva da subjetividade individual, da necessária análise dos sujeitos envolvidos nos processos de tradução, suas diferentes percepções de um dado Topoi, e suas diferentes formas de expressar suas percepções, bem como das suas formas de interagir coletivamente. A segunda reflexão é acerca da ideia da tradução por imagens. No caso apresentado, da tradução de um topoi numa trajetória, as imagens são contextualizadas, sem os quais a tradução não seria completa. A discussão é: a mesma tradução atingiria igual nível de compreensão, de entendimento sem essas imagens? De que forma a catarse provocada pelas imagens influi no entendimento ou mesmo numa pré-disposição para o entendimento?

Considerações Finais

Por se tratar de um trabalho em andamento, optamos por construir este texto mais a partir de nossas dúvidas do que de certezas. Damos como certas as aproximações a Gramsci e aos estudos de midiaticização. As contribuições de Martín-Barbero seguem relevantes. O uso de imagens para as traduções, sejam elas em movimento, fotográficas ou desenhos, charges e afins nos parecem muito profícuos. A inclusão de um espaço privilegiado para a discussão do sujeito se configura quase certa. Sobretudo em sendo as traduções, mesmo que construídas coletivamente, eminentemente fruto de interações subjetivas – de sujeitos tradutores. Ao invés da inclusão de um espaço midiático na vertical da cartografia, até então pensado pela lacuna da análise midiática, passamos a trabalhar com a necessidade de apontar o poder midiático como dimensão de análise, portanto horizontal na cartografia, devido ao processo de midiaticização. E é preciso ainda problematizar a ideia de meta-processo da

mediatização frente à proposição da teoria geral da impossibilidade de uma teoria geral, defendida por Santos.

Bibliografia

- Braga, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referencia. In. MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda, (ORGs). **Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática**: Livro Compós. Porto Alegre, Sulina, 2007.
- Braga, José Luiz (2012) “Circuitos versus campos sociais” in Matos, Maria Ângela; Janotti Jr, Jeder; Jacks, Nilda. *Mediação e Mediatização*. Salvador/Brasília: UFBA/COMPOS
- Gramsci, Antonio (1982) *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. SP: Circulo do Livro
- Gramsci, Antonio (1986) *Concepção Dialética da História*. RJ: Civilização Brasileira
- Gruppi, Luciano (2000) *O conceito de hegemonia em Gramsci*. 4ªed. RJ: Edições Graal
- Johann, Joni (2007) *A Educomunicação cooperativa e o novo senso comum emancipatório*. São Leopoldo: Unisinos
- Katz, Hagai (2007) “Gramsci, Hegemonia e as Redes da sociedade civil global” *Redes: Revista Hispana para el Analisis de Redes Sociales*, vol. 12, junio. Barcelona: Universidad Autonoma de Barcelona
- Lopes, M. I. V.; Borelli, S. H.; Resende, V. R. (2002) *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus
- Martin-Barbero, Jesus (2004) *Ofício de Cartógrafo: travessias latinoamericanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola
- Martin-Barbero, Jesus (2009) *Dos meios as mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ
- Reis, Márcio Carneiro dos (2002) “Do espaço do sujeito ao espaço mundial: uma nova maneira de apreender a realidade” *Sociedade e Estado*, vol. 17, jul/dez, pg. 397-428
- Santos, Boaventura de Sousa. (2002) *A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência*. 4ªed. São Paulo: Editora Cortez
- Santos, Boaventura de Sousa (2002a), "Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº 63, pg. 237-28
- Santos, Boaventura de Sousa. (Org.) (2004) *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Editora Afrontamento
- Santos, Boaventura de Sousa (2004a), "O futuro do Fórum Social Mundial: o trabalho da tradução", *Revista del Observatorio Social de América Latina*, nº 15, 77-90.
- Santos, Boaventura de Sousa (2007) “Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes” en *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº 78, Outubro, pg. 3-46

Anexos: 1ª foto: Kevin Carter, 1993, Sudão – 2ª foto: Joni Johann, 2012, Porto Alegre



Mapa de estrutura-ação das sociedades capitalistas no sistema mundial

Dimensões/ Espaços Estruturais	Unidade de Prática Social	Instituições	Dinâmica de Desenvolvi- mento	Forma de Poder	Forma de Direito	Forma Epistemo- Lógica
Espaço Doméstico	Diferença sexual e geracional	Casamento, família e parentesco	Maximização da afetividade	Patriarcado	Direito doméstico	Familismo Cultura Familiar
Espaço da Produção	Classe e natureza, enquanto natureza capitalista	Fábrica e empresa	Maximização do lucro e da degradação da natureza	Exploração e natureza capitalista	Direito da produção	Produtivismo, tecnocrático, formação profissional e cultura empresarial
Espaço de Mercado	Cliente – consumidor	Mercado	Maximização da utilidade e da mercadorização de necessidades	Fetichismo das mercadorias	Direito da troca	Consumismo e cultura de massa
Espaço da Comunidade	Etnicidade, raça, nação, povo, religião	Comunidade vizinhança, região, org. populares de base, Igrejas.	Maximização da identidade	Diferciação desigual	Direito da comunidade	Conhecimento local, cultura da comunidade e tradição
Espaço da Cidadania	Cidadania	Estado	Maximização da lealdade	Dominação	Direito territorial (Estatal)	Nacionalismo educacional e cultural, cultura cívica
Espaço Mundial	- Estado Nação	Sistema interestatal, organismos e assoc. intern., tratados internacionais	Maximização da eficácia	Troca desigual	Direito sistêmico	Ciência, progresso Universalístico, cultura global

Fonte: Santos (2001, p. 273).